

# A introdução do narcisismo na metapsicologia e suas consequências clínicas

**Cristina Moreira Marcos**

## **Resumo**

Nosso objetivo central é compreender as consequências da introdução do narcisismo na metapsicologia, buscando extrair seus desdobramentos teórico-clínicos. Para abordarmos nossa questão, é necessário situar antes, brevemente, a primeira teoria pulsional. Posteriormente, extrairemos do artigo *Introdução ao Narcisismo* seus avanços, sua ruptura na elaboração metapsicológica e suas implicações futuras, teóricas e clínicas. Por fim, buscaremos evidenciar a dimensão clínica dessa noção a partir da relação entre a anorexia e a melancolia e dos obstáculos ao tratamento analítico.

**Palavras-chave:** Narcisismo; metapsicologia; clínica.

## **Considerações preliminares**

O artigo “Introdução ao Narcisismo”,<sup>1</sup> de Freud, marca uma ruptura maior na elaboração metapsicológica e é efetivamente um momento histórico no qual a teoria da libido, centrada na objetividade, desloca-se para a referência ao eu. Nosso objetivo central é compreender as consequências da introdução

---

1 Esse é o título do artigo tal como foi traduzido pela Edição *Standart* Brasileira. Utilizaremos para nossas referências a tradução mais recente: Freud, S. À guisa de introdução ao Narcisismo. In S. Freud. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago.

do narcisismo na metapsicologia, buscando extrair seus desdobramentos teórico-clínicos. Para abordarmos nossa questão, é necessário situar antes, brevemente, a primeira teoria pulsional. Posteriormente, extrair do artigo “Introdução ao Narcisismo” seus avanços, sua ruptura na elaboração metapsicológica e suas implicações futuras, teóricas e clínicas. Por fim, buscaremos evidenciar a dimensão clínica dessa noção a partir da relação entre a anorexia e a melancolia e dos obstáculos ao tratamento analítico.

No texto “O Inconsciente”, o termo metapsicologia é definido do seguinte modo: “Proponho que, quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação metapsicológica” (Freud, 1915/1989, p. 208). Nesse sentido, a metapsicologia pretende apresentar uma descrição minuciosa de qualquer processo psíquico quando focado sobre os pontos de vista de sua localização em instâncias (ponto de vista tópico), da distribuição dos investimentos (ponto de vista econômico) e do conflito das forças pulsionais (ponto de vista dinâmico).

Segundo Assoun (1997), é preciso lembrarmos dos pressupostos epistemológicos sem os quais o modo de pensar metapsicológico não seria inteligível. Em primeiro lugar, há uma ambição científica da psicanálise a ser situada sob o modelo das ciências da natureza.<sup>2</sup> A psicanálise refere-se a processos e busca explicar seus funcionamentos e suas leis por meio do modelo das ciências físico-químicas. Isso nos permite compreender que as três coordenadas da apresentação metapsicológica apoiam-se sobre os conceitos do pensamento físico e biológico: as forças (ponto de vista dinâmico), as quantidades (ponto de vista econômico) e o lugar (ponto de vista tópico).

## A primeira teoria pulsional

A hipótese freudiana de uma tópica psíquica tem nascimento em um certo contexto científico. A teoria anatomo-fisiológica das localizações cerebrais

---

2 Não seria possível, neste artigo, incorporar as discussões a respeito das relações entre a psicanálise e a ciência sem perder de vista nosso objetivo central. Por isso, enviamos o leitor a Mezan, R. 2006 e 2007.

é predominante no final do século XIX (Assoun, 1997). Desde os *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1895/1989), a concepção do inconsciente implica em uma diferenciação tópica do aparelho psíquico e sua primeira concepção é apresentada no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1989), herdeiro do *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1895/1989). Sabemos que essa primeira tópica distingue três sistemas: inconsciente, pré-consciente, consciente, que tem cada um sua função, seu tipo de funcionamento. Entre cada um desses sistemas, Freud situa as censuras que inibem e controlam a passagem de um a outro. O termo censura, como outras imagens de Freud (antecâmara, fronteiras entre sistemas) marcam o aspecto espacial da teoria que vai se formando.

A noção de espaços psíquicos implicada na teoria freudiana não deve ser entendida como uma tentativa de localização anatômica das funções. Ficção metapsicológica por excelência, o aparelho psíquico é representado como um instrumento composto por sistemas. O que é determinante nessa representação tópica é a ideia de uma orientação espacial constante dos sistemas uns em relação aos outros. Essa tópica apoia-se inegavelmente em uma analogia anatômica, entretanto ela se refere a lugares psíquicos e não a localidades anatômicas. A noção de “localidade psíquica” implica uma exterioridade de umas em relação às outras e uma especificidade de cada parte. Ela fornece a possibilidade de fixar uma ordem determinada de sucessão a um processo se desenvolvendo no tempo (Laplanche & Pontalis, 1998).

A tese maior de uma diferenciação entre os sistemas não poderia estar desvinculada da concepção dinâmica, segundo a qual os sistemas encontram-se em conflito. Desde o princípio, a psicanálise fez do conflito psíquico a noção central da teoria das neuroses. Entretanto, se o conflito é um dado indiscutível da experiência analítica, sua teoria metapsicológica não é tão evidente. Ao longo da obra freudiana, diferentes fundamentos foram dados ao conflito. Podemos abordá-lo em dois níveis relativamente distintos: no nível tópico como conflito entre sistemas ou instâncias, e no nível econômico-dinâmico como conflito entre as pulsões.

No quadro da primeira teoria metapsicológica, o conflito está articulado

do ponto de vista tópico à oposição entre os sistemas Pre-Cs/Cs e o Ics, separados pela censura. Essa oposição corresponde também ao princípio de prazer e princípio de realidade. Podemos dizer que as duas forças em conflito são, para Freud, a sexualidade e uma instância recalcadora. O motivo do recalque são características específicas das representações sexuais que as tornam irreconciliáveis com o eu e causadoras de desprazer. Freud buscará um suporte pulsional para a instância recalcadora. O dualismo das pulsões sexuais e das pulsões de autoconservação (pulsões do eu) seria então o substrato do conflito psíquico.

O conceito de pulsão, embora calcado no paradigma sexual, não se restringe a ele. Desde 1905, a noção de apoio da sexualidade sobre as funções orgânicas sugere a existência das pulsões de autoconservação. Em *As perturbações psicogênicas da visão segundo a concepção psicanalítica* (1910/1989), temos uma excelente ilustração desse modelo metapsicológico que orienta a teoria e a prática psicanalítica em seus primeiros anos. Ao eu é atribuído um suporte pulsional. Reconhecido como um dos polos do conflito defensivo, o eu se vê relacionado a um grupo específico de pulsões. As perturbações psicogênicas da visão são explicadas pela hipótese de um conflito pulsional.

Mezan (1987, p. 161) afirma que o conflito pulsional requer dois elementos, necessários e suficientes, para o seu desencadeamento: a psicanálise os vê, nesse momento da metapsicologia, no eu e na sexualidade. A hipótese de uma energia mental única arruína a especificidade do sexual e a teoria freudiana do conflito neurótico. No entanto, como explicar os componentes libidinais do eu? O eu possui suas próprias pulsões, as pulsões de autoconservação, cuja energia é denominada interesse. Quando o eu se converte no objeto de investimento libidinal, tal fenômeno é chamado de narcisismo e se trata de um processo intrinsecamente sexual. Com a introdução do narcisismo, há uma reformulação do modelo metapsicológico. Mais que um tema novo, o narcisismo promulgado em 1914, mesmo que ele tenha sido elaborado anteriormente entre 1909 e 1910, promove uma verdadeira transformação metapsicológica.

## A gênese do conceito

Como Freud chega ao conceito do narcisismo? Não é a primeira vez que o termo narcisismo aparece no texto freudiano. Freud já o havia empregado em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena em 1909. Ele havia declarado que o narcisismo era uma fase intermediária necessária entre o autoerotismo e o amor objetal. Nesse mesmo ano, ele acrescenta uma nota de rodapé sobre a natureza bissexual do indivíduo aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1989), no qual o termo narcisismo aparece. Em 1910, no livro sobre Leonardo Da Vinci (1910a/1989), há uma referência consideravelmente extensa ao narcisismo. Freud designa aí o homossexualismo como um determinado tipo de escolha narcísica de objeto, dando relevância à introjeção das figuras parentais na formação da identidade sexual. Outras referências se seguem na análise do caso Schreber (1911/1989), no qual a escolha narcísica de objeto aparece claramente, passando o narcisismo a ocupar uma posição de destaque na teoria pulsional e em *Totem e tabu* (Freud, 1913/1989).

Em *Totem e tabu*, Freud introduz o que chama de “terceira fase”, situada entre o autoerotismo e as escolhas objetais.

Nessa fase intermediária, cuja importância a pesquisa tem evidenciado cada vez mais, os instintos sexuais até então isolados já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto. Este objeto, porém, não é um objeto externo, estranho ao sujeito, mas se trata de seu próprio ego, que se constitui aproximadamente nesta mesma época. Tendo em mente as fixações patológicas desta nova fase, que se tornam observáveis mais tarde, demos-lhes o nome de “narcisismo”. O sujeito comporta-se como se estivesse amoroso de si próprio; seus instintos egoístas e seus desejos libidinais ainda não são separáveis pela nossa análise. (Freud, 1913/1989, p. 112)

Freud afirma que, embora não esteja em condições de descrever com exatidão essa fase na qual as pulsões que até então estavam dissociadas reúnem-se em uma unidade isolada e catexizam o eu como objeto, pode suspeitar que essa organização narcísica nunca é totalmente abandonada. Reconhece aí o protótipo das psicoses e da onipotência de pensamentos nos povos primitivos, nas quais há uma retração da libido dos objetos para o eu.

Portanto o narcisismo é apresentado neste texto não unicamente como uma fase intermediária entre o autoerotismo e a escolha objetal, mas também como uma estrutura permanente, que continua a existir.

É estudando a vida sexual dos neuróticos e as psicoses que Freud é levado à construção do conceito de narcisismo. Quando Freud afirma no artigo de 1914 que o narcisismo é condição para a formação do eu, ele arremeta as elaborações que vinham sendo construídas em torno do termo nesses textos anteriormente mencionados<sup>3</sup>.

## O narcisismo como condição da formação do eu

A tese apresentada por Freud nesse artigo é a de que há um narcisismo primário e normal. O narcisismo é postulado como uma fase intermediária entre o autoerotismo e a escolha objetal, necessária à constituição do eu. Freud afirma a existência de um investimento da libido sobre o eu que será posteriormente deslocado em direção aos objetos.

O que caracteriza as parafrenias (as psicoses) é o desligamento de seu interesse pelo mundo exterior (pessoas e objetos). Freud investiga o modo como esses pacientes se afastam do mundo exterior. Os neuróticos também desistem da realidade, entretanto eles não suspendem o vínculo erótico com as pessoas e as coisas, na medida em que as conservam na fantasia, substituindo os objetos reais por objetos imaginários. Na psicose, é diferente, uma vez que os sujeitos parecem ter retirado sua libido das coisas e das pessoas reais sem tê-las substituído por outras nas fantasias. Isso parece ser uma tentativa de cura que busca reconduzir a libido de volta ao objeto.

O destino da libido que foi retirada dos objetos na psicose é o eu. O delírio de grandeza surge às custas da libido objetal. A libido retirada dos objetos foi redirecionada ao eu, dando origem a um comportamento nomeado por Freud de narcisismo. Sua conclusão é a de que o delírio de grandeza é a amplificação de um estado que já estava lá. Esse narcisismo que se constitui ao chamar de novo para si os investimentos anteriormente depositados nos

---

3 Para uma leitura mais detalhada do processo de elaboração do conceito de narcisismo, sugerimos Rocha, Z. (2008).

objetos é chamado de narcisismo secundário. O narcisismo primário consiste no investimento libidinal primitivo do eu. Freud chega à conclusão de que originalmente o eu é investido de libido, e uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos, mas essencialmente a libido permanece retida no eu. Na vida dos neuróticos, essa parte da libido permanece encoberta e o que se evidencia são as emanções da libido (investimentos objetais). O investimento narcísico do eu se mede por um empobrecimento do investimento no objeto. Ele sugere aqui uma verdadeira estase da libido, uma permanência dela no eu, que realiza investimentos e desinvestimentos no mundo exterior.

A pergunta colocada por Freud é então: qual a relação desse narcisismo com o autoerotismo, descrito como estado inicial da libido? Ele afirma que não existe, desde o início, uma unidade comparável ao eu. Primordialmente, temos as pulsões parciais que se satisfazem autoeroticamente, o eu tem que ser desenvolvido. Algo tem que ser acrescentado ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua. O que se acrescenta ao autoerotismo, para dar forma ao narcisismo, é o eu.

É uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo desde o início; o Eu precisa antes ser desenvolvido. Todavia, as pulsões auto-eróticas estão presentes desde o início, e é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo. (Freud, 1914/2004, p. 99)

Se anteriormente o narcisismo era pensado como uma perversão, a escolha do próprio corpo como objeto de amor, após o artigo de 1914 ele passa a ser considerado como necessário à constituição da subjetividade. O narcisismo é condição para a formação do eu. A introdução do narcisismo no corpus freudiano abre perspectivas inéditas, não somente sobre a psicopatologia, mas também sobre a vida amorosa do homem. Assim se destaca uma escolha de objeto de tipo narcisista: amamos o que somos, o que fomos, o que gostaríamos de ser ou a pessoa que fez parte do nós, em oposição à escolha de objeto anaclítica (veiculação sustentada), que orienta o amor em direção àquele que cuidou de nós ou nos protegeu. À primeira vista poderíamos pensar que Freud faz aqui uma classificação dos seres humanos em dois grupos, entretanto o que ele evidencia é a existência de

um narcisismo primário no ser humano que pode manifestar-se de modo dominante em suas escolhas de objeto.

Freud examina ainda outros fenômenos à luz do narcisismo e da teoria da libido: a doença orgânica, o estado de sono, a hipocondria implicam um recolhimento narcísico da libido. O narcisismo primário suposto nas crianças também será deduzido a partir da observação do comportamento dos pais. A atitude dos pais afetuosos em relação aos filhos revela a revivescência de seu próprio narcisismo, há muito abandonado.

## **Consequências metapsicológicas e clínicas da introdução do narcisismo**

Assoun (1997) afirma que o artigo sobre o narcisismo coloca, ao lado do Édipo, o reino de Narciso. O trabalho sobre o narcisismo é um golpe na teoria das pulsões na qual a psicanálise se assentava até então. Trata-se de compreender que a libido procede do eu. O eu é o grande reservatório da libido. Como distinguir a pulsão sexual da pulsão do eu? Desloca-se o eixo do conflito para os dois polos da libido: de objeto e narcísica. Entretanto, há que se dizer que a distinção entre libido de eu e libido de objeto não diz respeito à distinção entre o sexual e o não sexual, ambas referem-se à pulsão sexual, que pode ter como objeto o próprio corpo ou um objeto exterior.

No verbete “Narcisismo”, do Vocabulário de Psicanálise, Laplanche e Pontalis (1998) afirmam que essa concepção energética que reconhece a permanência de um investimento libidinal no eu conduz a uma definição estrutural do narcisismo. “O narcisismo já não aparece como um estado evolutivo, mas como uma estase da libido que nenhum investimento objetual pode ultrapassar completamente” (Laplanche & Pontalis, 1998, p. 262).

A introdução do narcisismo traz algumas modificações quanto à definição do eu: 1. O eu não aparece como resultado de uma diferenciação progressiva. Para se constituir, ele exige uma nova ação psíquica; 2. Ele se define como uma unidade em relação ao funcionamento anárquico da sexualidade que caracteriza o autoerotismo; 3. Ele se oferece como objeto de amor à

pulsão sexual do mesmo modo que um objeto externo; 4. Do ponto de vista econômico, o eu deve ser considerado como um grande reservatório de libido, de onde partem os investimentos libidinais de objeto e para onde eles retornam; 5. A escolha de objeto narcísica é descrita como típica.

Podemos dizer que a terceira e última seção do artigo de 1914 extrai as consequências maiores da introdução do narcisismo no plano da tópica do eu. É a autoestima do eu que torna possível o recalque. Trata-se de explicar por que o sujeito recalca tal moção que ele considera inadmissível, enquanto ele permanece indiferente a outra. Isso supõe que ele construiu em si um ideal. A condição para o recalque é a formação do ideal por parte do eu. O amor por si mesmo (narcisismo primário) que foi desfrutado pelo eu real na infância dirige-se para esse eu ideal. O narcisismo surge deslocado nesse novo eu que é ideal e que, como o eu infantil, possui toda a perfeição e completude. Como sempre, no caso da libido, o ser humano é incapaz de renunciar à satisfação já uma vez desfrutada. Ele não quer privar-se da completude e da perfeição narcísica de sua infância, mas não pode se manter nesse estado devido à própria educação e à capacidade de julgar. Ele procura então recuperá-lo na nova forma de um ideal do eu. O que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido da infância, quando ele mesmo era seu próprio ideal.

Freud (1914/2004) postula uma instância psíquica que, atuando a partir do ideal do eu, teria a tarefa de zelar pela satisfação narcísica e que, para isso, observaria constantemente o eu para compará-lo ao ideal. A origem do ideal do eu é a influência crítica dos pais, transmitido pela voz e pela consciência moral. Somam-se a esse ideal as influências dos educadores, dos professores e das autoridades. Há a instauração de uma consciência moral, incorporação da crítica parental e da sociedade. Grande parte da libido do eu é utilizada para a formação do ideal do eu e encontra nessa atividade meio de escoamento e satisfação. O ideal do eu designa assim uma instância intrapsíquica que serve ao eu de referência para apreciar suas realizações. Sua origem é principalmente narcísica. É a partir dessas formulações que Freud posteriormente aborda a psicologia coletiva e ainda formula a noção de supereu.

O artigo de 1914 sobre o narcisismo é o ponto de partida para diversos

raciocínios posteriores. A partir dele, a teoria da identificação também ganha um desenvolvimento inédito. Progressivamente, a identificação vai se tornando um processo essencial para a constituição do eu. O conceito de eu passa por um profundo remanejamento: primeiro vinculado a funções inibidoras impostas pela realidade, no Projeto (1895), depois suporte das pulsões de autoconservação (1910-1911), em seguida fundamento do conceito de narcisismo, por fim precipitado de identificações abandonadas (1923).

O artigo sobre o narcisismo modifica a própria concepção do eu e abre caminho para o que será nomeado como a segunda tópica freudiana. Freud parte da dualidade Consciente/Inconsciente, pressuposto fundamental da psicanálise, lembrando que o recalcado é o protótipo do Inconsciente; entretanto, a segunda tópica vai fornecer outra concepção do aparelho psíquico. O motivo classicamente invocado para dar conta dessa mudança é a consideração das defesas inconscientes que impede de coincidir os polos do conflito defensivo com os sistemas definidos anteriormente: o recalcado com o lcs e o eu com o sistema Pre-Cs/Cs. Entretanto, não é unicamente este o sentido do remanejamento em questão. O artigo de 1914 desempenha um papel fundamental nessa modificação, a postulação de uma libido narcísica sendo aí determinante. Além disso, uma das descobertas fundamentais que torna necessária essa mudança é o papel desempenhado pelas diversas identificações na constituição do eu e as modificações permanentes que elas acarretam (ideais, instâncias críticas, imagens do eu).

A nova tópica introduz três instâncias: o isso, polo pulsional; o eu, caracterizado como reservatório da libido narcísica; e o supereu, cujos rudimentos serão constituídos no texto de 1914, instância que julga e critica, constituída pela interiorização das exigências e interditos parentais. Essa concepção não coloca em jogo somente as três instâncias, ela também diferencia formações como o eu ideal e o ideal do eu. Além disso, conseqüentemente, faz intervir além das relações intrassistêmicas, as relações intrassistêmicas, leva a dar importância às relações de dependência entre os diversos sistemas e a reencontrar no eu, até em suas funções ditas adaptativas, a satisfação de reivindicações pulsionais (Laplanche, 1998).

A nova tópica reorganiza toda a dinâmica e todo o ponto de vista econômico. Um novo dualismo pulsional – Pulsões de vida e Pulsões de morte – fornece um novo fundamento à teoria do conflito. Sobre o plano dinâmico, o dualismo pulsional caracterizado pela oposição entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação será redefinido por meio da noção de narcisismo e culminará em um novo dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte. Sobre o plano econômico, Freud será levado a formular a noção do além do princípio do prazer por intermédio da compulsão à repetição. E sobre o plano tópico, surge uma nova representação do aparelho psíquico: o isso, o eu e o supereu.

Desde suas primeiras formulações, Freud concebe a libido como uma energia psíquica, ou melhor, como expressão anímica da pulsão sexual. Freud enfatiza a natureza sexual da libido em oposição a Jung, que postula uma libido primordial indiferenciada que poderia ser sexualizada ou dessexualizada. Além disto, Freud atribui à libido um caráter quantitativo. A libido é uma força ou energia capaz de aumento ou diminuição e cuja distribuição e deslocamento tornam possível a explicação da sexualidade humana. Por outro lado, o caráter qualitativo da libido marca a distinção entre a libido e outra energia que possa servir de suporte aos processos psíquicos em geral, primeiro designada como pulsão do eu ou de autoconservação e posteriormente como pulsão de morte.

Eis aqui um ponto fundamental para compreendermos a revolução metapsicológica, nos termos de Paul-Laurent Assoun (1997, 2002), operada pela introdução do narcisismo na psicanálise. Com a introdução do conceito de narcisismo, a oposição entre essas duas forças pulsionais sofre um abalo. O conceito de narcisismo torna evidente o fato de que as pulsões sexuais podem retirar a libido investida nos objetos e fazê-la retornar ao eu, constituindo-se em libido do eu. É somente em 1920, com *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/1981), que o dualismo pulsional ganhará seu contorno definitivo com a introdução do conceito de pulsão de morte em oposição à pulsão de vida. Freud descobre no interior de toda pulsão uma tendência a retornar a um ponto de redução completa da tensão, a um estado inorgânico. No centro dessa hipótese, encontra-se o fenômeno da compulsão à repetição, o procedimento incoercível de repetição de uma situação penosa. Por meio

do prazer compulsivo da repetição, é a pulsão de morte que está em jogo. Seu emblema está no jogo do Fort-Da, no qual a criança vive a perda e a recuperação da mãe. Nesse artigo, Freud introduz no coração mesmo da dimensão econômica do aparelho psíquico, centrada no Princípio de prazer-desprazer, uma subversão. Haveria um além do Princípio de prazer. Talvez o único equivalente desse gesto seja o artigo de 1914.

Não podemos deixar de lembrar que o narcisismo é uma noção clínica. Nesse caso, precisamos nos perguntar acerca das consequências clínicas das reformulações metapsicológicas comandadas pela noção de narcisismo. Freud afirma, em 1914, que o narcisismo é uma operação essencial para que o sujeito constitua um eu e um corpo. A experiência clínica evidencia as dificuldades e os obstáculos para que esta necessária ação psíquica se conclua satisfatoriamente, na esquizofrenia, na paranoia, na melancolia ou na histeria. Podemos dizer que já está presente na metapsicologia freudiana a ideia de que o sujeito tem com seu corpo uma relação de exterioridade e que ele precisará apropriar-se desse corpo. Em *O eu e o isso*, Freud (1923/1981) afirma que o eu nada mais é do que a projeção de uma superfície corporal. No artigo sobre o narcisismo, ele afirma que o eu não existe desde o início, mas precisa ser desenvolvido. Esse desenvolvimento depende de uma nova ação psíquica acrescentada ao autoerotismo, que constituirá o narcisismo. A clínica testemunha as múltiplas dificuldades dessa operação.

O narcisismo é o conceito que nos permite compreender, por exemplo, a ligação entre a anorexia e a melancolia, apontada por Freud no Rascunho G.<sup>4</sup> Nele, Freud afirma:

A neurose nutricional paralela à melancolia é a anorexia. A famosa anorexia nervosa das moças jovens, segundo me parece (depois de cuidadosa observação), é uma melancolia em que a sexualidade não se desenvolveu. A paciente afirma que não se alimenta simplesmente porque não tem nenhum apetite; não há qualquer outro motivo. Perda do apetite – em termos sexuais, perda da libido. (Freud, 1895/1989, p. 283)

Na clínica da anorexia encontramos uma perturbação na identificação narcísica. Há um impasse identificatório do sujeito com sua imagem corporal,

---

4 Sobre a relação entre a anorexia e a melancolia, ver Lima, M. (2012) e em Cunha, F. (2012).

com graves consequências para o eu. Isso é evidenciado pela relação problemática e distorcida que a anoréxica estabelece com sua imagem no espelho. Mesmo extremamente emagrecida, ela se vê gorda, revelando uma relação perturbada com a imagem narcísica.

Joana apresenta um quadro de anorexia e episódios frequentes de purgação (vômitos, laxantes e diuréticos), depressiva, apresentando uma grave distorção da imagem corporal e muito debilitada clinicamente. Relata uma tentativa de suicídio e solicita internação psiquiátrica para ajudá-la a conter a angústia que a leva a episódios bulímicos. Aos 14 anos, diz que começou a sentir uma tristeza e, aos 17, iniciaram-se os jejuns. Ela afirma que não é doente, mas tem um estilo diferente de vida e que precisa ser magra para entrar no mundo da moda. Relata que se sente gorda e que por isso não come. Embora emagrecida, com os cabelos quebradiços, Joana descreve constantemente uma insatisfação com seu corpo e ao se ver no espelho, vê-se gorda. Ao ser questionada sobre qual seria o peso ideal, diz que isso não depende dos quilos, mas que enquanto olhar no espelho e se ver gorda não vai comer, “quero ver o osso”, “o espelho é meu inimigo”.

Nos casos de anorexia, o sujeito está sempre em desacordo com seu corpo, que nunca atinge a forma desejada, apesar das restrições alimentares, jejuns, vômitos, diuréticos e laxantes. O sujeito tenta moldar seu corpo, por meio dessas práticas, a uma imagem ideal jamais alcançada. É o conceito de narcisismo que nos permite entender a ligação proposta por Freud entre anorexia e melancolia a partir de três pontos: a perturbação da identificação narcísica, a introdução de uma instância crítica que se diferencia do eu se volta sadicamente contra ele e a identificação do eu com o objeto.

O artigo sobre o narcisismo abre as portas para a reflexão sobre o luto e a melancolia e suas condições narcísicas. Em *Luto e melancolia* (FREUD, 1917/1968), destaca-se a importância não de uma relação objetal, mas da modificação do eu sob o efeito do objeto. A análise da melancolia também modificará profundamente a noção de eu. Freud explica a melancolia a partir da identificação do eu com o objeto perdido. A libido investida no objeto perdido, em vez de ser reinvestida em outro objeto, retorna para o eu e

estabelece uma identificação do eu como o objeto perdido: “a sombra do objeto cai sobre o eu”. O que no luto era uma perda do objeto, na melancolia transforma-se em uma perda do eu.

Freud (1917/1968) utiliza o conceito de narcisismo para explicar como o processo melancólico é “auto”, nele próprio. Tanto na anorexia quanto na melancolia, há um investimento libidinal excessivo no eu, no corpo, na imagem e uma pobreza de investimentos objetivos. Podemos observá-los no caso Joana. Poderíamos pensar que na anorexia, como na melancolia, há uma ruptura da ligação do eu com o objeto e um retorno da libido para seu reservatório original, o eu? Entretanto, Freud encontra alguns problemas na explicação da melancolia pelo narcisismo. Se o eu está investido narcisicamente, como o melancólico teria uma autoestima tão baixa? E ainda: como esse eu tão carregado de libido narcísica pode atentar contra a própria vida? Isso não seria contrário a uma hipótese de regressão ao narcisismo? A resposta de Freud é que o eu só pode se matar quando ele trata a si mesmo como objeto, dirigindo contra si a hostilidade que visa a um objeto.

Pouco antes de *Luto e melancolia* (Freud, 1917/1968), Freud havia escrito *Pulsões e destinos da pulsão* (Freud, 1915/2004), no qual ele afirma que os destinos das pulsões podem ser: a transformação em seu contrário, o redirecionamento contra a própria pessoa, o recalque e a sublimação. A autoacusação presente na melancolia pode ser entendida a partir desse destino pulsional, o redirecionamento contra a própria pessoa. O melancólico se autotortura. A autoacusação é considerada, por Freud, um dos traços fundamentais da melancolia. O melancólico se acusa de ser o responsável por suas perdas, pela miséria dos seus familiares e do mundo. Freud interpreta essa acusação que o melancólico dirige a si mesmo como sendo dirigida ao objeto perdido, reintroduzindo assim a dimensão do objeto na autoacusação do eu. Na melancolia, uma parte do eu toma a outra como objeto, julgando-a criticamente. Ele retoma em *Luto e melancolia* o que havia desenvolvido no artigo sobre o narcisismo: a existência de um agente crítico que se separa do eu. Esse aspecto também merece uma aproximação entre a anorexia e a melancolia. As noções de ideal do eu e supereu, apenas esboçadas em

*Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/2004) e *Luto e melancolia* (Freud, 1917/1968), como agentes críticos que se voltam contra o eu, serão relacionados em *Totem e tabu* (Freud, 1913/1965) à identificação canibalística, que consiste em comer e incorporar o pai. Essas instâncias psíquicas são resultado da identificação com o pai morto, agora incorporado.

A hipótese freudiana para explicar a melancolia é a de que a escolha inicial de objeto foi feita sobre uma base narcísica. Por isso, quando o investimento de objeto encontra um obstáculo, ele retorna ao narcisismo. O melancólico, que escolheu o objeto de amor via narcisismo, ao perdê-lo volta a essa relação de identificação imaginária, não reinveste a libido em novos objetos e desloca a libido para o eu. O eu incorpora o objeto canibalisticamente. Identificado ao objeto perdido, o eu passa a ser julgado por um agente especial, como se fosse o próprio objeto. O conflito entre a pessoa amada e o eu transforma-se em uma divisão entre o eu crítico e o eu alterado pela identificação. A identificação narcísica ao objeto se substitui à escolha de objeto de base narcísica. Há uma espécie de regressão da escolha objetual para o narcisismo. O amor pelo objeto, transformado em identificação narcísica, transmuta-se em ódio contra esse objeto substitutivo. Parte da catexia objetual retrocede para a identificação e outra parte retrocede para o sadismo. Assim podemos compreender a satisfação do eu em se depreciar, pois os ataques do eu se endereçam, na verdade, ao objeto perdido ao qual o eu está identificado.

Na anorexia, também há uma tensão entre, de um lado, uma instância crítica e, de outro, o eu, o corpo e sua imagem. Nesses casos, o supereu ataca sadicamente o eu, o corpo e sua imagem. Em Freud, o supereu é resultado da identificação primária ao pai. Precisamos lembrar, que a identificação primária, que dá origem ao supereu e ao ideal do eu, é também o que orienta a constituição do eu, do corpo e de sua imagem. Já está presente em *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/2004) a ideia segundo a qual a constituição do eu se dá em função de um ideal. Nos casos de anorexia, é frequente a constatação de uma relação com o pai e com a mãe que não favorece a constituição de um ideal, que facilitaria a construção do corpo. É frequente também a tirania e a crueldade dessas instâncias nos sujeitos anoréxicos. Na melancolia, o

eu, alterado pela identificação com o objeto perdido, ataca sadicamente a outra parte do eu, produzindo uma desordem no narcisismo. Isso parece ser encontrado também na anorexia, na qual o eu e sua imagem são cruelmente depreciados. É a vertente sádica e cruel do supereu que parece se destacar, em vez da sua face pacificadora. Esse aspecto é bastante evidente no caso Joana. Ela se submete às mais duras acusações e punições, atos purgativos, o uso de laxantes, ingestão de detergente, shampoo, sabonete. Tudo provoca muita dor mas, segundo ela, compensa.

Freud precisará elaborar o conceito de pulsão de morte e sua manifestação no supereu para que se explique a autoacusação do eu presente na melancolia. O eu identificado com o objeto atrai o ódio do supereu contra ele próprio. A melancolia desvela o sentimento de culpa inconsciente, que é o outro nome do masoquismo moral. Freud descreve a melancolia como um ataque do supereu, revelando-o como pura cultura da pulsão de morte. Na segunda tópica freudiana, o supereu ganha relevo. Em *O eu e o isso* (Freud, 1923/1981), a definição freudiana do supereu está contida nas seguintes afirmações: “O supereu é o herdeiro do complexo de Édipo” e “O supereu é a pura cultura da pulsão de morte”. Nelas temos, por um lado, a face pacificadora, normativa e constituinte do supereu e, por outro, a face cruel e destrutiva, presente na pulsão de morte. Essa última parece se tornar mais evidente na anorexia. Em *Mal-estar na civilização* (Freud, 1930/1989), a tese central apresentada é a de que a civilização não só se funda sob a renúncia pulsional, mas a exige. Freud destaca que o esforço do supereu alimenta, com a renúncia, a necessidade de renúncia. É um círculo vicioso, quanto mais se aumenta a renúncia mais se reforça a renúncia. Entretanto, podemos pensar que o supereu transforma a renúncia em satisfação, o que é a essência do masoquismo. A pulsão encontra satisfação na renúncia pulsional. O supereu faz da renúncia a satisfação pulsional, um modo de satisfação pulsional, modo de funcionamento que verificamos na clínica da anorexia.

Ainda é preciso dizer que em *Totem e tabu* (Freud, 1913/1965), a identificação ao pai morto garante o pacto social entre os irmãos. Entretanto, na melancolia, a perda do objeto gera uma identificação que desfaz o laço com

o outro. Esse é outro aspecto que encontramos com frequência na anorexia: a ruptura dos laços afetivos e sociais e o isolamento do sujeito. Parecem sujeitos mergulhados no lago de Narciso em uma fascinação pela própria imagem que dispensa o outro, como nos permite verificar o caso Joana.

Como dissemos, a introdução do narcisismo na metapsicologia promove um abalo no dualismo pulsional que culminará em 1920 na postulação da pulsão de morte. Entretanto, não há referência no texto de 1914 à agressão, à destruição ou à pulsão de morte. A relação entre o narcisismo e a agressividade será desenhada em textos posteriores. A aproximação do ódio ao núcleo do narcisismo e do autoerotismo pode ser destacada, por exemplo, em *Luto e melancolia* (Freud, 1917/1968); ou ainda em *Pulsões e destino da pulsão*: “O mundo externo é percebido como estranho e como um aportador de afluxos de estímulos, e sem dúvida a relação do Eu com o mundo externo tem o sentido primordial do odiar” (Freud, 1915/2004, p. 159). Em *O mal-estar na civilização*, essa conexão entre narcisismo e agressividade também reaparece: “(...) mesmo na mais cega fúria de destrutividade, não podemos deixar de reconhecer que a satisfação da pulsão se faz acompanhar por um grau extraordinariamente alto de fruição narcísica (...)” (Freud, 1930/1989, p. 144).

O refundamento da teoria da pulsão culmina no além do Princípio de Prazer. O que parece estar em jogo para Freud não é tanto o enquadramento teórico das tendências agressivas, mas como explicar a tendência do sujeito ao sofrimento, à dor, à autopunição, à insistência da repetição do desprazeroso, à fascinação pelo suicídio. Como explicar a solução anoréxica, a destrutividade presente na melancolia? Ora, a introdução do narcisismo deve ser colocada ao lado da introdução da segunda tópica e da pulsão de morte como acontecimento decisivo para a psicanálise, trazendo consequências clínicas fundamentais. Colocam-se em evidência a reação terapêutica negativa, a resistência oriunda do sentimento de culpa do supereu, que traduz um “não querer curar”, a influência dos traumatismos, a força constitucional das pulsões e a modificação do eu. Para além dos obstáculos encontrados no tratamento, está em discussão a pulsão de morte e seus efeitos no tratamento.

Como efeito da introdução do narcisismo e da descoberta da pulsão

de morte, Freud é levado a reconsiderar a técnica analítica e a levar em conta a resistência. Se nos lembrarmos do primeiríssimo projeto terapêutico, veremos que ele consistia na *catarsis* da histérica que sofria de reminiscências. O paciente tinha que superar a resistência à associação consecutiva às emergências das representações desagradáveis. Na medida em que a rememoração contradiz o recalque, ela só pode suscitar resistência, ou seja, as ações das forças psíquicas contrárias. De fato, em 1904, o fator da resistência é reconhecido como um dos fundamentos da teoria, uma vez que ela deforma as recordações e as forças a se disfarçar. Em 1912, Freud adverte que a resistência acompanha o tratamento passo a passo e, mais ainda, que seu abrigo é a transferência. Temos aqui o paradoxo: a resistência emana ao mesmo tempo do recalque e da transferência. Será somente em 1926, com a segunda teoria da angústia ligada à segunda tópica e à pulsão de morte, que teremos uma teoria mais acabada sobre a resistência. À pergunta “O que fazer com as resistências?”, Freud responde de modo bastante preciso, destacando a necessidade de elaborá-las. Tem-se aí a ideia de um trabalho: *Durcharbeiten* é atravessar as resistências elaborando-as, psiquicamente.

Retornamos à nossa formulação inicial: o narcisismo é uma noção clínica. Trata-se de dar conta da experiência clínica vivida sob transferência. A elaboração desse conceito testemunha o caráter laborioso das tentativas de elaborações teóricas em Freud, sempre em relação com as observações clínicas. Freud nunca propõe uma pura especulação, como é o caso da filosofia. Não por acaso, ele publica em 1913 artigo “O interesse da psicanálise”, no qual toma o cuidado de precisar que a psicanálise é uma ciência da natureza e não uma ciência do espírito, na medida em que ela parte da experiência e não de uma totalidade ideal como um sistema filosófico. Entretanto o narcisismo freudiano é uma invenção, já que Freud o transforma um conceito preexistente, introduzindo-o na psicanálise, sendo exemplar do modo como funciona a teoria psicanalítica. Ela parte sempre de observações clínicas, que busca elaborar e pensar e que modifica outras noções. É por meio das observações e investigações psicanalíticas que Freud chega à conclusão de que o narcisismo desempenha um papel importante no desenvolvimento

sexual normal dos seres humanos. A revolução metapsicológica comandada pela introdução do narcisismo na metapsicologia abre as portas para a postulação da Pulsão de Morte e redesenha o mapa do aparelho psíquico por intermédio da segunda tópica. A correlação entre narcisismo e agressividade e os obstáculos ao tratamento não levam a um pessimismo quanto às possibilidades terapêuticas da psicanálise. Em *Esboço de psicanálise*, Freud (1938/1989) afirma que existem muitos obstáculos que dificultam o trabalho de análise: a inércia psíquica, a reação terapêutica negativa, o sentimento de culpa inconsciente, e conclui que não conseguiremos vencer sempre, na maioria das vezes poderemos compreender por que não ganhamos, entretanto nada de melhor está à nossa disposição.

## Referências

Assoun, P. L. (1981). *Introduction à l'épistémologie freudienne*. Paris: Payot.

Assoun, P. L. (1997). *Psychanalyse*. Paris: PUF.

Assoun, P. L. (2002). *La metapsicología*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Bleichmar, H. (1985). *O narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Cunha, F. C. (2012). *Anorexia: uma neurose paralela à melancolia*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Freud, S. (1989). Estudos sobre a histeria. In Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. II). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1893-1895).

Freud, S. (1989). Projeto para uma psicologia científica. In Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. I, pp. 303-409). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895).

Freud, S. (1989). A interpretação dos sonhos. In Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. IV e V). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1900).

Freud, S. (1989). Três ensaios sobre a sexualidade. In Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. VII, pp. 119-233). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).

Freud, S. (1989). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In *Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XI, pp. 193-203). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1910).

Freud, S. (1989). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In *Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XI, pp. 67-143). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1910).

Freud, S. (1989). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In *Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 273-286). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1911).

Freud, S. (1989). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In *Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 15-108). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1911a).

Freud, S. (1965). *Totem et tabu*. Paris: Éditions Payot. (Originalmente publicado em 1913).

Freud, S. (1989). O interesse científico da psicanálise. In *Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII, pp. 169-213). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913a).

Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In: S. Freud. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (Vol. 1, pp. 95-131). (L. A. Hans, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).

Freud, S. (2004). Pulsões e destinos da pulsão. In: S. Freud. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (Vol. 1, pp. 133-173). (L. A. Hans, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).

Freud, S. (1968). *Deuil et mélancolie*. Paris: Gallimard. (Originalmente publicado em 1917).

Freud, S. (1981). Au-delà du principe du plaisir. In S. Freud. *Essais de psychanalyse*. (Originalmente publicado em 1917).

Freud, S. (1981). Le moi et le ça. In S. Freud. *Essais de psychanalyse*. (Originalmente publicado em 1923).

Freud, S. (1989). O mal estar na civilização. In *Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, pp. 67-151). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930).

Freud, S. (1989). Tipos libidinais. In *Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, pp. 249-254). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1931).

Freud, S. (1989). Esboço de psicanálise. In *Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXIII, pp. 165-237). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1931a).

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1998). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF.

Lima, M. (2012). Anorexia e melancolia. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fun*, 15(2), 251-264.

Mezan, R. (1987). *Freud e a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva.

Mezan, R. (2006). Pesquisa em psicanálise. Algumas reflexões. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 227-241.

Mezan, R. (2007). Que tipo de ciência é afinal a psicanálise? *Natureza Humana*, 9(2), 319-359.

Rocha, Z. (2008). *Freud: novas aproximações*. Recife: Editora Universitária da UFPE.

Sedat, J. (2007). “Narzissmus” et Freud. La naissance du concept. Che vuoi? *Revue de Psychanalyse*, n. 28, 13-21.

## The introduction of narcissism in the metapsychology and its clinical consequences

### Abstract

Our aim is to understand the theoretical and clinical consequences of the introduction of narcissism into the metapsychology. We start by briefly analyzing Freud's first drive theory, and then we identify the rupture in the metapsychology represented by the paper Introduction to Narcissism. Finally, we will show the clinical consequences of this notion, in the relation between melancholy and anorexia and in the obstacles to the analytical approaches to it.

**Keywords:** Narcissism; metapsychology; clinic.

## L'introduction du narcissisme dans la métapsychologie et ses conséquences cliniques

### Résumé

Notre principal objectif est de comprendre les conséquences de l'introduction du narcissisme dans la métapsychologie, ses déploiements cliniques et théoriques. Pour ce faire, il est nécessaire, d'abord, de situer brièvement la première théorie pulsionnelle. Postérieurement, nous allons extraire du texte Introduction au narcissisme ses progrès, sa rupture d'avec l'élaboration métapsychologique et ses implications futures. À la fin, nous chercherons à vérifier la dimension clinique de cette notion à partir de la relation entre l'anorexie et la mélancolie et des obstacles au traitement analytique.

**Mots-Clés:** Narcissisme; métapsychologie ; clinique.

# La introducción del narcisismo en la metapsicología y sus consecuencias clínicas

## Resumen

Nuestro objetivo principal es comprender las consecuencias de la introducción del narcisismo en la metapsicología, tratando de extraer sus desarrollos teóricos y clínicos. Para que nos acercamos a nuestra pregunta, es necesario colocar antes, brevemente, la primera teoría de los impulsos. Posteriormente, leer el artículo Introducción al narcisismo, sus avances, su ruptura metapsicológica y sus implicaciones futuras, teóricas y clínicas. Por último, vamos a tratar de poner de relieve la dimensión clínica del narcisismo en su relación entre la anorexia y la melancolía y los obstáculos para el tratamiento analítico.

**Palabras clave:** Narcisismo; metapsicología; clínica.

## Cristina Moreira Marcos

*Psicanalista, Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC Minas, Doutora em Psicanálise Universidade de Paris 7  
cristinamarcos@gmail.com*

Recebido/Received: 29.06.2016/06.29.2016

Aceito/Accepted: 13.07.2016/07.13.2016